



PIERRE LEVY E A EDUCAÇÃO: DESTERRITORIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E INTELIGÊNCIA COLETIVA¹

Prof. Drº. Manoel Moura dos Santos.

Professor de Filosofia da Educação no curso de Pedagogia da Faculdade Alpha

Email: manoumoura7@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa nas obras de Pierre Lévy, sobre as relações entre tecnologia e educação. A investigação está centrada sobre os conceitos de desterritorialização do conhecimento e descentralização do saber. A temática que Pierre Lévy desenvolve, a respeito dos conceitos das tecnologias da inteligência e inteligência coletiva, assim como o saber e o conhecimento que permeiam a educação do futuro, é o objetivo central deste trabalho. O objeto de pesquisa é a própria produção do autor. Esses conceitos são problematizados levando em conta duas instâncias: de um lado, o conhecimento acadêmico institucionalizado e de outro lado, a proposta de uma inteligência coletiva, que dá espaço para uma dimensão mais ampla do saber humano. Lévy reconhece que cada ser humano sabe alguma coisa, e que, em função disto, entende que o conhecimento no lugar de estar reservado a espaços específicos, está presente na humanidade na forma de uma inteligência coletiva. Acredita que a popularização do acesso ao ciberespaço através das tecnologias da inteligência e da cibercultura resulta em um “espaço antropológico” onde as inteligências coletivas produzem um “espaço de saber democrático”, possível a todos os seres humanos e, um “espaço de produção” de diferentes saberes.

Palavras-chave: Educação. Desterritorialização. Reterritorialização. Inteligência Coletiva. NTDIC.

¹ Este artigo é parte da Tese de Doutorado com o seguinte título: “Material Didático Digital e Inteligência coletiva: desterritorialização do centro do saber e descentralização da aprendizagem”.

1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre a produção do conhecimento é recorrente na história da humanidade. Com o crescente desenvolvimento tecnológico, a cibernética e a informática mudam a forma como conhecemos e aprendemos o mundo, solicitando novas formas de fazer, exigindo novas estratégias e novos critérios para a produção do conhecimento. É fato que as Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação² encurtam distâncias geográficas, provocando a desterritorialização e a inteligência coletiva. Por sua vez, a produção do conhecimento está diretamente relacionada às possibilidades e necessidades de uma determinada visão social, que está estruturada de acordo com a leitura da realidade feita pelas diferentes culturas.

Pierre Lévy propõe que a popularização do acesso ao ciberespaço³, através das tecnologias da inteligência e da cibercultura⁴, podem resultar num espaço onde as inteligências coletivas produzam um saber democrático, num processo cooperação e produção de saberes, possível a todos os seres humanos, e onde as fronteiras geográficas inexistem. Desenvolve o conceito de inteligência coletiva como uma inteligência construída a partir do processamento da informação adquirida individualmente, e partilhada.

Ao se perceber a importância das Novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação para o encurtamento das distâncias geográficas e desterritorialização do conhecimento e descentralização do saber no contexto da educação, realizou-se um estudo bibliográfico com o objetivo de verificar como está sendo utilizada as NTDIC para a construção da Inteligência Coletiva. Dentro deste contexto, o presente trabalho tem como objetivos específicos entender o papel das tecnologias da inteligência, verificar o sentido de inteligência coletiva em Pierre Levy e analisar como se dá a desterritorialização e descentralização do saber.

2 AS TECNOLOGIAS DA INTELIGÊNCIA

Lévy transcorre sobre as tecnologias da inteligência e sobre as diferentes técnicas utilizadas pela humanidade. Explica que a evolução biológica da espécie humana possibilitou o desenvolvimento da nossa habilidade de idealizar ações futuras, e seu resultado acerca do

² NTDIC.

³ A palavra “ciberespaço” foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção científica *Neuromante*. (LÉVY, 1999, p. 92) Para Pierre Lévy, o ciberespaço é um novo meio de comunicação que emerge da interconexão mundial dos computadores. A definição do termo abrange além da infraestrutura da comunicação digital, o universo de informações que ela contém e todos os sujeitos que navegam e abastecem esse universo. (p. 17)

⁴ O neologismo se reporta ao conjunto de técnicas materiais e intelectuais, às práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem com o aumento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 17)

meio externo. Por isso podemos utilizar a experiência acumulada e antever o resultado de nossas ações, e assim, a união da capacidade de imaginação com a habilidade de manipulação pode esclarecer porque, geralmente, pensamos por meio de alguns modelos concretos, muitas vezes de origem técnica. (1993, p. 70) Aponta ainda, que as inovações técnicas possibilitam (ou condicionam) o aparecimento de uma determinada forma cultural não haveria ciência moderna sem impressão, nem computador pessoal sem microprocessador.

Com relação às tecnologias intelectuais, Lévy (1993, p. 75) distingue três etapas, e as coloca em correspondência, com o que ele denomina “os três tempos do espírito”: as etapas da oralidade, da escrita e da informática. Assim, grande parte dos conhecimentos de que nos servimos em nossa vida cotidiana, nos foram transmitidos oralmente, e na maior parte das vezes sob a forma de narrativas (histórias de pessoas, de famílias ou de empresas). Lévy (1993, p. 84) explana que “dominamos a maior parte de nossas habilidades observando, imitando, fazendo, e não estudando teorias na escola ou princípios nos livros”. Esclarece ainda, que a escrita permite estender as capacidades da memória, e é isso que justifica sua eficiência como uma tecnologia intelectual. Como efeito, a etapa da escrita deu origem ao “sentido histórico” e a possibilidade da crítica. Além de preservar o *corpus* do passado e possibilitar o processo que leva à “explosão do saber”. (1993, p. 98). Segundo Pierre Lévy (1993) as técnicas de processamento e armazenamento de informações e conhecimentos tornam possíveis determinadas evoluções culturais. Elas são produto de uma sociedade e de uma cultura e, portanto, carregam consigo projetos, implicações e expectativas variadas, e historicamente determinadas.

Para Lévy (1993) todas as “antigas” tecnologias intelectuais estão imbricadas no estabelecimento dos espaços e tempos das sociedades humanas. Pois “linguagem e técnica contribuem para produzir e modular o tempo” (LÉVY, 1993, p. 76) e “estruturam profundamente nosso uso das faculdades de percepção, de manipulação e de imaginação”. (LÉVY, 1993, p. 160). Desse modo, as tecnologias da inteligência possibilitaram a expansão de formas do saber, ao longo do tempo. Por meio desta expansão viabiliza-se uma mudança na concepção sobre a produção e manutenção do conhecimento. Nessa perspectiva, o saber estanque, e restrito a um local e data, expande-se, desterritorializa-se e descentraliza-se. Apesar disso, a conexão entre informática e educação é cercada de dúvidas, embora seja um assunto bastante debatido entre os educadores. Com frequência ouvi-se nos ambientes escolares afirmações ligadas à falta de experiência, à falta de treinamento ou à dificuldade de tratar o choque entre gerações (KOSCIANSKI; SPIES, 2014).

3 METODOLOGIA

Ao se observar a insatisfação de alguns alunos com relação às atividades educativas e a aprendizagem no ambiente escolar, viu-se a necessidade de estudar meios alternativos que suprissem essa carência. Pensou-se então em verificar a utilização das às novas tecnologias digitais da informação e comunicação na escola, tendo em vista que suas ferramentas permitem uma maior disseminação de informação entre os envolvidos, provocando então uma mudança no ambiente institucional e no aprendizado dos alunos.

Dentro deste contexto, o presente trabalho parte de uma revisão bibliográfica, abordando os conceitos de Tecnologias da Inteligência, Inteligência Coletiva, Ambientes Virtuais de Aprendizagem, como também desterritorialização e reterritorialização do saber. Após esse estudo foi realizada uma análise em artigos científicos a fim de verificar como está sendo utilizada a Inteligência Coletiva no âmbito da educação.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO SOBRE DESTERRITORIALIZAÇÃO E INTELIGÊNCIA COLETIVA

O território é um espaço instituído, organizado e estável. A desterritorialização⁵ é uma saída de um suposto território, que pressupõe uma reterritorialização. (DELEUZE e GUATTARI, 2001). Assim sendo, a desterritorialização do conhecimento oportuniza a criação de novos territórios mais abertos e acessíveis, onde se abandona, mas não se aniquila o território anterior. Os primeiros levaram milênios para modificarem-se, em contrapartida os novos territórios são móveis, descontínuos e flexíveis.

Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos [...] (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 323). O território equivale a uma apropriação, já a desterritorialização, em princípio, é uma insubordinação ao território instituído. A desterritorialização pode ser considerada como um dos traços da chamada sociedade pós-moderna, marcada pela mobilidade, pelos fluxos e pelo desenraizamento. “O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir”. (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 323).

⁵ Este é um conceito proposto pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Na configuração atual em que a Educação à Distância (EAD) contribui com os seguintes benefícios: a) Independência da sala de aula; b) Independência de plataforma; c) Aumento da quantidade expressiva de alunos, contribuindo para a democratização do conhecimento; d) Ausência de uma assistência personalizada e inteligente, como normalmente ocorre no ensino presencial, além dos e) Os alunos apresentarem perfis bastante diferenciados, a desterritorialização do conhecimento rompem com as práticas educacionais tradicionais, descentralizando os saberes através de processos tecnológicos e interativos, mediados pelo ciberespaço. Nesta disposição, não há centro ou a centralidade é instável. Os conceitos também possuem uma hierarquia móvel, estão interligados, em rede, e pressupõem interatividade, cooperação, adaptabilidade e auto-organização.

Essas redes descentralizam a própria produção de conhecimentos, e propõem centros, que estão em constante conectividade e mobilidade. Assim sendo, essa mobilidade pode contribuir para a efetivação de uma aprendizagem baseada na criatividade, na descoberta, na cooperação, e não na competitividade. Contudo, estamos em uma sociedade de base capitalista, e alicerçada em princípios competitivos, e ainda não sabemos como equacionar esta nova configuração.

Diante deste contexto, a educação naturalmente é chamada a reestruturar-se, obrigando os educadores a reverem conceitos e estratégias, especialmente, quanto à utilização da tecnologia, com o duplo objetivo de instruir os cidadãos e despertar o pensamento crítico da realidade. Nesse sentido aponta-se, então, a necessidade de incluir a tecnologia na educação de forma crítica e comprometida com a construção do conhecimento, de maneira oposta aos modelos tradicionais que colocam o aluno como elemento passivo perante este. Assim, diversos ambientes virtuais de aprendizagem têm sido propostos e experimentados nacional e internacionalmente, tais como: Moodle, Teleduc, Aulanet, WebCT.

Por conseguinte, no atual cenário tecnológico é fundamental que a educação integre-se à sociedade do conhecimento. Uma das formas de realizar essa tarefa é a utilização de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Estes ambientes permitem integrar múltiplas mídias e recursos, apresentam informações de maneira organizada, proporcionam interações entre pessoas e objetos de conhecimento, visando atingir determinados objetivos, através dos quais as pessoas interagem, contribuindo, portanto, para a construção do conhecimento e, consequentemente, consolidando a aprendizagem.

Os AVAs consistem em mídias que utilizam o espaço virtual para veicular conteúdo e permitir a interação entre os integrantes do processo educativo de forma autônoma,

oferecendo recursos para a aprendizagem coletiva e individual, ou seja, o foco é a aprendizagem. Porém, a qualidade do processo educativo depende do envolvimento do aprendiz, da proposta pedagógica, dos materiais veiculados, da estrutura e qualidade de professores, tutores, monitores e equipe técnica, assim como das ferramentas e recursos tecnológicos utilizados no ambiente. Tais ambientes estão sendo utilizados tanto como suporte para sistemas de educação à distância, quanto como apoio às atividades presenciais de sala de aula. Assim, não são as tecnologias que vão revolucionar o ensino, mas a maneira como essa tecnologia é utilizada para mediação entre professores, alunos e a informação.

Essa mobilidade educacional proporcionada pelos AVAs caracteriza o método de tipo rizoma, que obriga a analisar a construção do conhecimento a partir de um descentramento sobre outras dimensões e outros registros. (DELEUZE e GUATTARI, 2009, p. 15 e 16) Há uma forte relação entre o ciberespaço dos AVAs e o conceito de rizoma estabelecido por Deleuze e Guattari. Os rizomas se ramificam e se reticulam, num intenso processo de desterritorialização do conhecimento e descentralização dos saberes, numa reterritorialização das relações sociais.

O rizoma é um modelo de construção do pensamento onde os conceitos não estão hierarquizados e não partem de um ponto central, de um centro de poder ou de referência aos quais os outros conceitos devem se remeter. Ele não tem começo nem fim, mas um meio pelo qual ele cresce e transborda. Dessa forma um rizoma não pode ser legitimado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Esse sistema rizomático, em que se transformou a construção de conhecimentos através do ciberespaço, rompe a hierarquização de conceitos. Não há um único ponto fixo como porta de entrada, as conexões são estabelecidas a partir de qualquer lugar do planeta e, a partir de qualquer estágio do conhecimento. Conforme coloca Lévy

A rede não tem centro, ou melhor, possui permanentemente diversos centros que são como pontas luminosas perpetuamente móveis, saltando de um nó a outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, de rizomas, finas linhas brancas esboçando por um instante um mapa qualquer com detalhes delicados, e depois correndo para desenhar mais à frente outras paisagens de sentido. (LÉVY, 1993,p.26)

Assim, Com o uso de ferramentas específicas, os AVAs permitem que os alunos tenham a oportunidade de disponibilizar suas atividades para o grupo e também para o professor, além de criar ou interagir em fóruns de discussão.

É através desse compartilhamento de informações que se cria uma memória coletiva fruto de uma atividade de construção informacional e conhecimento criado pelos próprios membros da comunidade. Dessa forma, a construção

de conhecimentos, numa perspectiva rizomática, se apresenta como uma produção singular a partir de múltiplos referenciais, e possibilita um acesso diferenciado às diversas áreas do saber. Oportuniza a realização de um processo educacional mais de acordo com a contemporaneidade, onde os resultados não estão postos de antemão. Onde não há uma necessidade de recuperar uma ligação, uma unidade perdida, pois a realidade se põe como fragmentada e múltipla. As áreas do saber são consideradas horizontes sem fronteiras, admitindo caminhos não percorridos e trajetos inusitados. É o rizoma que deve caracterizar a nova forma de relação com o saber, permitindo processos de desterritorialização de conhecimentos e descentralização de saberes, numa reterritorialização de abertura a múltiplas entradas, que deverá estar presente nas escolas democráticas deste novo século.

As mudanças que chegam à educação e à gestão de conhecimentos delineiam os princípios de uma nova sociedade. Em consequência, a escola e os educadores enfrentam uma adequação de seus fundamentos pedagógicos com todos os recursos das tecnologias de aprendizagem. (LÉVY, 2001b) Estas mudanças não devem destruir o que já foi construído pela escola, mas induzir à superação de visões fragmentadas do conhecimento, e implantar uma reestruturação do processo educativo. (LOPES, 2005, p. 35) As NTDIC's possuem potencial para ampliar a democratização do conhecimento e para propiciar a disseminação dos saberes. Além do que, nestes novos espaços de saber, novas competências e habilidades podem emergir e oportunizar uma melhor valorização do sujeito. Assim sendo, as novas tecnologias da informação, podem potencializar nossas possibilidades cognitivas e viabilizar o acesso a uma nova cultura da aprendizagem. Lévy nos diz que aprender é abandonar preconceitos e penetrar em um conhecimento diferente, é aceitar se transformar. "Somos o que sabemos, o que experimentamos. Nós nos tornamos o que aprendemos. (LÉVY, 2001b)

Pierre Lévy desenvolve uma teoria sobre os espaços antropológicos e apresenta o surgimento de um novo espaço: o *espaço do saber* (1998). É neste espaço, segundo ele, que se desenvolve a sua proposta de inteligência coletiva. A partir deste desenvolvimento, emerge a desterritorialização do conhecimento e a descentralização do saber. Lévy nos diz que, estão presentes quatro grandes espaços antropológicos na história da humanidade: Terra, Território, Mercadorias e Saber. (1998) Define espaço antropológico como [...] um sistema de proximidade (espaço) próprio do mundo humano (antropológico), e, portanto dependente de técnicas, de significações, de linguagem, de cultura, de convenções, das representações e das emoções humanas. (LÉVY, 1998, p. 22)

Conceitua o espaço antropológico da Terra, como o nosso vínculo com o cosmo e

com a nossa espécie. E que, neste espaço, o relato é o principal instrumento de conhecimento, e o coletivo é o sujeito do saber. Expõe ainda, que no espaço antropológico da Terra, o humano desenvolve três características: a linguagem, a técnica e o laço social. (LÉVY, 1998) E assinala que, “a cibercultura é a expressão da aspiração de construção” deste laço social. (LÉVY, 1999, p. 130) Segundo Lévy (1998), o espaço do saber é o que qualifica a espécie humana, onde se unem os processos de subjetivação individuais e coletivos, sem fronteiras de relações e de qualidades.

Ele nasce na circulação, na associação e na metamorfose das comunidades pensantes, em que os intelectuais coletivos surgem, conectam-se, deslocam-se e transformam-se. Onde estes intelectuais coletivos “reconstituem um plano de imanência da significação” em que “os seres, os signos e as coisas voltam a encontrar uma relação dinâmica de participação recíproca” e, dessa forma, fogem “às separações do Território”, e “aos circuitos espetaculares da Mercadoria.” (1998, p. 145) No espaço do Saber a que Lévy (1998) se refere, os indivíduos reapropriam-se de suas temporalidades subjetivas, produzem o seu tempo e alimentam-se de tempos interiores. Explica que estes indivíduos compõem temporalidades pessoais para a criação de uma subjetividade coletiva, e tem a possibilidade de reter o tempo coletivo nas subjetividades individuais. Assim, objetos e sujeitos estão implicados uns nos outros. E, os conhecimentos não são mais separados das práticas que os fazem existirem, e que os modificam dos contextos concretos, que lhes conferem sentido.

No entender de Lévy (1998), o Território quer eternizar fronteiras, hierarquias e estruturas. Contudo, não se pode formar impérios ou instalar alfândegas no Espaço do Saber, pois este vive num contínuo estado nascente e manifesta-se nos atos e nas diferentes histórias que animam os intelectuais coletivos. E, neste espaço, o Saber é desterritorializado e descentralizado. Ao invés de uma organização engessada em saberes com disciplinas discretas e hierarquizadas, (espaço do território), ou de uma confusa fragmentação das informações e dos dados (espaço da mercadoria), Lévy propõe que o saber, para os intelectuais coletivos, seja “uma grande colcha de retalhos em que cada ponto pode ser costurado em qualquer outro”, pois “todos os saberes do intelectual coletivo exprimem devires singulares, e esses devires compõem mundos.” (LÉVY, 1998, p. 181 e 183)

Conceitua que, a mudança histórica da relação com o saber situa-se no final do século XVIII, quando os ventos revolucionários começavam a mudar o panorama social. E, que a partir do século XX, com o rápido crescimento dos conhecimentos científicos e técnicos, a ideia de domínio do saber por um indivíduo ou por um pequeno grupo tornou-se

praticamente impossível. (1999). A metáfora da navegação em relação ao saber, que Lévy menciona, explícita, claramente, a desterritorialização dos conhecimentos e uma descentralização dos saberes.

O conceito de inteligência coletiva que Lévy (1996, p. 69) propõe, é construído a partir do processamento da informação adquirida individualmente, e partilhada. Assim “cada um a todo instante, contribui para o processo da inteligência coletiva”, pois toda ação humana é virtualmente produtora de riqueza social. Segundo Lévy (1993, p. 23), o sentido emerge e é construído num contexto, local e datado, mas transitório, pois a cada instante, um novo comentário, ou uma nova interpretação podem modificar o sentido que havia na proposição emitida anteriormente. “Quando ouço uma palavra, isto ativa imediatamente em minha mente uma rede de outras palavras, de conceitos, de modelos, mas também de imagens, sons, odores, lembranças, afetos, etc”. Assim, a infinita rede de associações que compõe o nosso universo mental está em permanente metamorfose.

Lévy destaca que (1993, p. 161), “o sujeito transcendental é histórico, variável, indefinido, (...) é uma rede complexa na qual os nós biológicos são redefinidos e interfaceados por nós técnicos, semióticos, institucionais, culturais.” Dessa forma, (1998c) mesmo que eu possa aprender do outro, nunca saberei tudo o que ele sabe. E, se os outros são fonte de conhecimento, eu também sou, independente de qual seja a minha provisória posição social, e qual seja a sentença que a instituição escolar tenha pronunciado a meu respeito. Assim, também eu sou uma oportunidade de aprendizado para os outros. Reconhece que, todo ser humano possui muitas e diversas capacidades, mas em graus diferentes, “ninguém é inteligente ou estúpido como um todo”. (1993,p. 165)

Conclui ainda que, não reconhecer a inteligência do outro, é não aceitar a sua identidade social, é como nutrir o ressentimento e a hostilidade da sua humilhação, é fomentar a frustração de onde surge a violência. (1998c) Explica que “um saber alimentado, uma competência virtual que se atualiza, é uma resolução inventiva de um problema numa situação nova”. “Nenhum grande entardecer fará surgir o Espaço do saber, mas muitas pequenas manhãs.”(1998c, p. 123)

De acordo com Lévy (2001b), nos próximos decênios do século XXI, mais de 80% dos seres humanos acessarão o ciberespaço cotidianamente, e os diferentes processos de concepção, produção e comercialização estarão mergulhados no espaço virtual. Dessa forma, num ponto qualquer de uma grande cidade, poderemos ter acesso a uma inteligência coletiva acumulada a séculos, da qual participam os mais diversos povos. Inteligência esta que

concentra conhecimentos e envolve processos de cooperação. Uma das hipóteses fundamentais de Lévy é que “a inteligência coletiva aumenta ao mesmo tempo em que melhora a organização da cooperação entre os seres humanos.” (2001a, p. 98) Enfatiza que o desejo da cibercultura seria a organização de um laço social baseado em interesses comuns, como o compartilhamento do saber, a aprendizagem cooperativa ou os processos abertos de colaboração, e não sobre relações de poder, ou relações institucionais, nem sobre links territoriais. A desterritorialização do conhecimento seria a própria base da cibercultura. (1999)

A utilização do AVA é um exemplo. Nele o professor exerce o papel de mediador, instigando a capacidade criativa e a curiosidade dos alunos que assumirão uma postura ativa frente ao conhecimento, tornando-se sujeitos de sua própria formação. Estes ambientes permitem um ambiente dinâmico. Esta é uma característica importante, pois o ambiente de aprendizagem, assim como o sujeito, também se transforma na medida em que as interações acontecem. Assim, na prática educacional, pode-se utilizar a Inteligência Coletiva como um método para aprimorar o ensino, por meio de ambientes virtuais de aprendizagem que possibilitam uma educação à distância.

Nessa perspectiva, Carvalho (2012) cita que os principais motivos para se utilizar a Inteligência Coletiva na educação são: a) Facilitar e melhorar o processo de aprendizado dos alunos e a convivência no ambiente escolar; b) Incentivar o interesse dos alunos em estudar; c) Diminuir as barreiras existentes entre a locomoção do ambiente no qual o aluno se sente acomodado para estudar; e) Possibilitar estudos fora do ambiente escolar; f) Incentivar os alunos e professores a prosseguirem em estudos posteriores. Dessa forma Inteligência Coletiva é definida por Lévy (1998) como um processo de crescimento, de diferenciação e de retomada recíproca das singularidades de cada indivíduo em particular. Portanto, a Inteligência Coletiva é uma forte aliada na educação, tendo em vista que cria possibilidades de produção e construção de conhecimentos. De acordo com Freire (1996, p. 96) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” Ou seja, quanto mais se exerce a capacidade de aprender, mais conhecimento pode ser construído. Assim sendo, ensinar não é transmitir ao aluno apenas conteúdo, mas fazer com que ele possa desenvolver seu conhecimento de forma autônoma, sendo o professor apenas um mediador que procura instigá-lo para aplicá-lo na sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ubiquidade proporcionada pelas novas tecnologias de informação e comunicação oportuniza novas estâncias do conhecimento,

proporcionando uma desterritorialização deste, e viabilizando a mudança na concepção sobre sua produção. Esta mobilidade ocasiona uma centralidade instável dos saberes, derrubando hierarquias e pressupondo flexibilidade, interatividade, adaptabilidade e conectividade. Para Pierre Lévy há um projeto humano, inacabado e contínuo, em cada individualidade, em que o objetivo é o coletivo, e a liberdade é uma premissa deste projeto. O ser humano é o centro do pensamento de Lévy e, o impulso para a liberdade e a cooperação é que dão origem a uma inteligência coletiva, uma inteligência que é de todos, indistintamente.

A inteligência coletiva, que Lévy propõe está sendo construída através do ciberespaço, tendo como consequência o advento da cibercultura. Estas contribuições conduzem a uma educação mais condizente com a contemporaneidade, e mais alinhada com as perspectivas do futuro. Precisamos reconhecer que o conhecimento está sendo construído em muitas, e diferentes instâncias da sociedade, e que novas, e inesperadas demandas profissionais surgem e desaparecem em ciclos. Novas habilidades e competências despontam e afloram nestas instâncias, e devem ser reconhecidas.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. E Alberto A. Muñoz, São Paulo, ed. 34, 2001

_____. *Mil platôs capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia P. Costa, São Paulo, ed. 34, 2009.

GUATTARI, E e ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, Vozes, 1986

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*.

Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo. Ed. 34, 1993

_____. *O que é o virtual*. São Paulo, Ed. 34, 1996.

_____. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*.

Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 5ª.ed. São Paulo, Loyola, 1998.

_____. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo. Ed. 34, 1999

_____. *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. Tradução Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. São Paulo. Ed. 34, 2001a.

_____. Entrevista concedida ao programa Roda Viva da Fundação Padre Anchieta. 08/01/2001b. Disponível em

http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/47/Pierre%20L%20E9vy/entrevistados/pierre_levy_2001.htm Acesso em 27/08/2009



LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Tradução Ricardo C. Barbosa. 7ª.ed. Rio de Janeiro. José Olympio Ed., 2002

LOPES. Rosana Pereira in ASSMANN, Hugo (org). *Redes digitais emetamorfozes do aprender*. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2005.